

---

## LISTA DE FIGURAS

FIG.1: Apresentação de todas as antenas do tipo Estação Rádio Base (ERB) atuantes em território brasileiro. Fonte: Elaborado pelo autor.

FIG.2: Classificação de ERB de acordo com as 27 unidades federativas brasileiras. Fonte: Elaborado pelo autor.

FIG.3: Classificação de ERB de acordo com as doze empresas atuantes no ramo de telecomunicações em território brasileiro. Fonte: Elaborado pelo autor.

FIG.4: Classificação de ERB de acordo com as maiores empresas de telecomunicações atuantes em território brasileiro (Claro, Oi, Telefônica e Tim). Fonte: Elaborado pelo autor.

FIG.5: Classificação de ERB de acordo com as menores empresas de telecomunicações atuantes em território brasileiro (Algar Telecom, Amazônia Telecomunicações, Unicel e Sercomtel). Fonte: Elaborado pelo autor.

FIG.6: Classificação de ERB de acordo com tecnologia de internet móvel utilizada pela antena. Destaque para as antenas que operam na frequência 2G, a mais comum e mais utilizada por dispositivos móveis e serviços *wireless*. Fonte: Elaborado pelo autor.

FIG.7: Classificação de ERB de acordo com tecnologia de internet móvel utilizada pela antena. Destaque para as antenas que operam na frequência 5G, a mais recente e utilizada em aparelhos e dispositivos mais novos ou tecnologicamente mais avançados. Fonte: Elaborado pelo autor.

---

## REFERÊNCIAS

BRITO, Gisele. A realidade segregada de SP é aumentada em Pokémon GO. **Observa SP**, 2016.

DEJTIAR, Fabian. Manuel Lima sobre visualización de datos, arquitectura y ciudades [Manuel Lima on How Data Visualization Can Shape Architecture and Cities].

**Plataforma Arquitectura**, 5 jul. 2020. Disponível em: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/942924/manuel-lima-sobre-como-la-visualizacion-de-datos-puede-mejorar-la-arquitectura-y-las-ciudades>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FUINI, Lucas L. Território e territórios na leitura geográfica de Milton Santos. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, v.6, n.1, p. 253-271, jan./jun. 2015.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. **Walls Of Air**: Brazilian Pavilion. 16<sup>o</sup> Mostra Internazionale di Architettura di Venezia. 2018.

GIRARD, Lucas. **A programação total do ambiente**: infraestruturas planetárias da comunicação. 2017. Dissertação (Mestrado em Projeto, Espaço e Cultura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.16.2018.tde-29062017-143225. Acesso em: 04 set. 2022.

LIMA, Manuel. **Visual Complexity**: Mapping Patterns of Information. New York: Princeton Architectural Press, 2011.

MANOLAKIS, Dimitris G.; INGLE, Vinay K. **Applied Digital Signal Processing**: Theory and Practice. New York: Cambridge University Press, 2011.

METAHAVEN. **Black transparency**: the right to know in the age of surveillance. New York: New American Library, 2015.

PARKS, Lisa; STAROSIELSKI, Nicole (ed.). **Signal Traffic**: Critical studies of media infrastructure. Urbana. Champaign, IL: University of Illinois Press, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SBRISSIA, Helena. 1G, 2G, 3G, 4G e 5G: entenda a evolução da internet móvel. **Tecmundo**, 12 maio 2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/5g-no-brasil/217230-1g-2g-3g-4g-5g-entenda-evolucao-internet-movel.htm>.

STÜBER, Gordon L. **Principles of Mobile Communication**. 2. ed. New York; Boston Kluwer: Academic Publishers/ London; Moscow: Dordrecht, 2002.

TOWNSEND, Antony. Life in the Real: Mobile Telephones and Urban Metabolism. **Journal of Urban Technology**, v.7, n.2, p.85-104, 2000.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. 2 .ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

---

## SOBRE O AUTOR

Alexandre Duarte Bassani. Graduado em História pela FFLCH-USP (2020) e em Arquitetura e Urbanismo pela Escola da Cidade (2023).

bassani.ale@gmail.com

---

## ENSAIO

# Tecendo presenças periféricas na cidade de São Paulo

---

Denilson Choquecallata Colque

---

Orientação: Prof. Dr. Jean François Germain Tible (FFLCH-USP)

Pesquisa: Pesquisa experimental, FAU-USP, 2025.

Este ensaio é fruto de uma pesquisa que explora metrópole paulistana como palco de luta, que moldada pela lógica do capital, transformou e transforma as áreas periféricas em grandes palcos de insurgência, levando à remoção de moradores, à homogeneização das paisagens, dos costumes e das manifestações culturais. Contudo, é dentro dessas comunidades periféricas que surgem reações que não somente desafiam, mas também remodelam maneiras de coletividade. Ações de ativismo, tomadas acadêmicas, celebrações comunitárias,

encontros artísticos e bailes funk demonstram que a periferia cria novos relatos urbanos de resistência e insurgência, que validam a existência dos sujeitos periféricos. Essas ações subvertem a razão segregadora, evidenciando que a cidade transcende a disputa física pelo espaço do território, abrangendo também o simbólico, o estético e o político. Portanto, nessa disputa, São Paulo se manifesta como local de tensões constantes e como um terreno propício à criação de insurgências, onde levantes diários comprovam que outros horizontes são viáveis.

---

## Weaving peripheral presences in the city of São Paulo

This essay stems from a research that explores the metropolis of São Paulo as the stage of struggle, which, shaped by the logic of the capital, has transformed and continues to transform peripheral areas into large stages of insurgency, leading to the removal of residents and the homogenization of landscapes, customs, and cultural manifestations. However, it is within those peripheral communities that reactions that not only challenge but also reshape ways of collectivity arise. Activism, academic initiatives, community celebrations, artistic gatherings, and *bailes funk* demonstrate that the periphery creates new urban narratives of resistance and insurgency that validate the existence of peripheral subjects. These actions subvert the segregating rationale, showing that the city transcends the physical dispute over territorial space, also encompassing the symbolic, the aesthetic, and the political. Therefore, in this dispute, São Paulo manifests itself as a place of constant tension and as fertile ground for the creation of insurgencies, where daily uprisings prove that other horizons are viable.

---

## Tejendo presencias periféricas en la ciudad de São Paulo

Este ensayo es resultado de una investigación que explora la metrópoli paulista como un escenario de lucha, que, moldeada por la lógica del capital, ha transformado y continúa transformando las áreas periféricas en grandes escenarios de insurgencia, llevando a la remoción de habitantes, así como a la homogeneización de los paisajes, las costumbres y las manifestaciones culturales. Sin embargo, es dentro de estas comunidades periféricas donde surgen reacciones que no solo desafían, sino que también remodelan las formas de colectividad. Las acciones de activismo, las iniciativas académicas, las celebraciones comunitarias, los encuentros artísticos y los bailes funk demuestran que la periferia crea nuevos relatos urbanos de resistencia e insurgencia, que validan la existencia de los sujetos periféricos. Estas acciones subvierten la razón segregadora, poniendo de manifiesto que la ciudad trasciende la disputa física por el espacio del territorio, abarcando también lo simbólico, lo estético y lo político. Por lo tanto, en esta disputa, São Paulo se manifiesta como un lugar de tensiones constantes y como un terreno propicio para la creación de insurgencias, donde los levantamientos cotidianos demuestran que otros horizontes son viables.

Considero como ponto de partida deste ensaio a cidade de São Paulo. Proponho uma breve análise sobre como ela está constantemente marcada por disputas de interesses de classe, tendo como principais protagonistas os sujeitos da periferia. Essa realidade se torna ainda mais clara quando observamos os efeitos das operações urbanas a partir dos anos 1990, sobre os quais os estudos da professora Mariana Fix (2001) se tornam essenciais ao analisar as Operações Urbanas Faria Lima e Águas Espraiadas, pois destrinchou e denunciou os grandes processos que transformaram antigas áreas marginais em grandes centros da globalização financeira. Portanto, destaco como esses processos absorveram as áreas marginais para o uso do capital, por meio de ferramentas urbanísticas legais, com o objetivo de excluir populações e identidades e de criar uma cidade cada vez mais desigual.

Após a crise do *subprime*, ocorrida nos Estados Unidos em 2008, a fase de disputas se intensificou. A partir dessa conjuntura, muitas cidades do mundo enfrentaram tensões políticas e incertezas econômicas. Diante desse panorama, David Harvey (2014) passou a denominar essas cidades como verdadeiros centros de rebeliões, ou “cidades rebeldes”, onde os conflitos sociais cresceram e se manifestaram abertamente nas ruas, evidenciando os problemas da vida urbana do sujeito. No Brasil, mais precisamente em São Paulo, essa fase de rebeliões se intensifica em 2013. Ainda que as pautas e os significados dessas manifestações estejam em constante disputa, não se pode negar que elas tiveram efeitos concretos, especialmente, na rede pública de transportes urbanos, pois, de certa forma, foi após essas manifestações que houve maior atenção, por parte do poder público, ao transporte coletivo, em conjunto com a ampliação da malha cicloviária da cidade (Harkot, 2014).

Entretanto, sabemos que essa ínfima implantação de políticas públicas não chega nem perto de atingir as periferias, onde não há direito à cidade para grande parte da população que vive à sua margem. Mesmo que as ruas, avenidas e praças componham oficialmente o espaço urbano, esquecemos que é nos becos e nas vielas que se encontram as vitalidades insurgentes da luta pelo direito à cidade, capazes

de reconfigurar o próprio significado de participação política do sujeito periférico. Nesse ponto, o professor Paolo Colosso (2019) propõe uma contribuição importante para a leitura dos territórios, ao mostrar que esses levantes não são apenas formas de resistência diante de uma ordem excludente, mas também tentativas de reinvenção de uma vida coletiva a partir do cotidiano e da cultura urbana. Quando os jovens ocupam a cidade com espaços de formação e autoformação, como ocorreu nos movimentos secundaristas de 2015, eles não apenas protestam contra as medidas governamentais impopulares de sucateamento do ensino público, mas também performam uma nova compreensão de educação insurgente, de bem comum e, acima de tudo, de pertencimento à cidade, algo que não se realiza no simples ato de frequentar ou ocupar os espaços institucionais, como assistir às aulas, mas em permanecer de forma plena, com todas as suas contradições, como nas ocupações, greves estudantis ou marchas.

Como aponta a autora Wendy Brown (2015), a lógica neoliberal corrói os fundamentos da ação política ao reduzir os sujeitos a empreendedores de si mesmos, esvaziando a possibilidade de coletividade em prol da individualização. Em razão disso, quando a cidade é capturada por essa racionalidade do capital – inclusive em sua gestão pública –, a esfera do político se reduz a uma administração tecnicista. Trago como exemplo empírico o próprio governo de Tarcísio de Freitas que, ao defender um melhor serviço de infraestrutura pública, recorre à privatização. Isso não se expressa apenas nos atos de privatização de muitas gestões públicas de direita, mas também na própria manifestação material do capital pelo espaço que, a partir de uma estética duvidosa, gera parcial ou total homogeneização da paisagem urbana, com prédios espelhados, ambientes repetitivos e pessoas moldadas por padrões igualmente questionáveis. É nesse cenário que resistir é também disputar os modos de vida, as formas de convivência e os próprios espaços da cidade, fazendo dela um campo de criação de vínculos que escapam à lógica instrumental do capital.

Henri Lefebvre (1969) foi o autor que popularizou o termo “direito à cidade”, no qual o cotidiano é entendido como um espaço de conflitos entre a reprodução social e a possibilidade de transformação. Tais possibilidades podem se manifestar nos movimentos sociais urbanos, mas também em cursinhos populares, saraus, espaços de batalhas de rima ou mesmo nas práticas de pichação, realizadas em sua maioria por artistas oriundos das periferias e, atualmente, presentes nos círculos centrais da cidade. São eles agora que ocupam os espaços e lhes atribuem outros usos. O show dos Racionais MC’s na Praça da Sé reconfigurou o modo de enxergar a cultura periférica, e as pichações na Bienal de 2008 desafiaram o cânone artístico do evento a partir de uma arte insurgente e periférica. Assim, o direito se reatualiza e se torna presente, sobretudo por meio dessas atividades, que, embora ainda possibilidades, transformam-se em insurgências do sujeito periférico que, mesmo no simples ato de frequentar um cursinho popular, reivindica seu direito de ocupar uma vaga na universidade pública e, como consequência, o seu direito à cidade.

Em seguida, podemos observar algo semelhante na luta pelo transporte coletivo, como no caso da luta do Movimento Passe Livre, que deixa de ser apenas uma pauta de reivindicação e passa a ser um meio potente de reapropriação da cidade. Nesse processo, Lefebvre (1969) nos ajuda a compreender que o espaço não é algo neutro e permanente, mas um produto social em mutação, resultado de interesses e disputas contínuas. A cidade de São Paulo é um claro exemplo deste produto, pois é um território que está em constante transformação urbana, basta realizarmos uma análise da história do Plano Diretor, na qual é possível observar que o plano esteve em constante disputa, muitas vezes servindo aos interesses do capital imobiliário, seja por um ataque constante às Zonas Especiais de Interesse Social – zonas que priorizam a criação de habitações sociais para populações de baixa renda –, ou da facilitação para a derrubada de edifícios tombados.

Um exemplo evidente são os estudos iniciais para a construção da nova Linha Marrom do metrô, para a qual se planeja a instalação de uma das estações no

Rio Pequeno, o que levanta grandes questionamentos quanto aos efeitos de sua construção. Trata-se de uma implantação inédita, pois, na história do metrô, nunca uma estação foi previamente planejada para ser instalada tão próxima a uma favela – neste caso, a da São Remo. Em suma, o metrô, embora seja uma empresa pública, não funciona de forma autônoma, é dirigido por indivíduos com interesses específicos, na maioria das vezes em prol de uma classe determinada, o que evidencia que, em breve, será possível compreender o verdadeiro significado dessa implantação. Pela história recente, é quase certo que isso resultará no surgimento de novas frentes de luta e disputa em torno da Favela São Remo, muito provavelmente pela resistência à sua expulsão diante do avanço do mercado imobiliário. Situação semelhante ocorreu quando a Escola de Samba Vai-Vai foi expulsa de sua sede, culminando em uma nova luta de resistência dentro da cidade, ocupando novos espaços que, antes elitistas, agora se tornam campos de reinvenção popular. Do mesmo modo, a universidade pública, antes símbolo de uma elite intelectual e racializada, hoje se vê tensionada por novos corpos, vozes e saberes periféricos que, ao adentrar seus muros, a deslocam, transformando o que antes era privilégio em espaço de manifestação coletiva e insurgente.

Diante disso, torna-se fundamental reconhecer que as experiências coletivas que emergem nas periferias não apenas resistem à ordem hegemônica, mas também propõem alternativas, outros modos de fazer cidade. Surgem, assim, novas configurações periféricas que não se limitam às margens, em seu sentido literal, mas se inserem de forma ativa e criativa no tecido urbano. Ainda que muitas periferias estejam localizadas nos limites perimetrais de São Paulo, outras se encontram dentro de seus circuitos internos, como Paraisópolis e a própria São Remo. Nesses territórios, identificam-se diversas manifestações insurgentes que desafiam a lógica dominante da cidade – e, conseqüentemente, dos bairros vizinhos –, encarnando-se em práticas culturais frequentemente associados ao crime, como os bailes funk, que, embora estigmatizados, são expressões legítimas de ocupação estética e afetiva do espaço urbano. Do

mesmo modo, festas populares como os blocos de carnaval cumprem essa mesma função política ao afirmarem outros modos de presença e convivência. Arrisco dizer que, em apenas uma semana, experimenta-se mais cooperação e vitalidade cultural nessas comunidades do que em um mês vivido em qualquer bairro nobre.

Contudo, é importante reconhecermos que a disputa pelo urbano não se limita à infraestrutura ou à presença física no espaço, pois ela também se manifesta nos planos simbólico, estético e narrativo. É exatamente nesse sentido que adentro a obra de Tiarajú (2013), que é incontornável para os estudos da cultura urbana da cidade de São Paulo. A partir de um estudo etnográfico cuidadoso de coletivos culturais das periferias paulistanas, Tiarajú revela que não se trata apenas de resistir, mas de afirmar uma nova subjetividade periférica, capaz de transformar a exclusão em orgulho e de elaborar um repertório combativo à altura dos desafios da metrópole. A cultura periférica, portanto, não é ornamento nem adereço: é um atravessamento estético-político, constituído por novas identidades que emergem das margens. Assim, os sujeitos periféricos já não precisam escutar apenas os deslumbres de uma garota que andava pela praia de Ipanema ou os lamentos de um artista sobre a Rua Nascimento Silva, agora podem se reconhecer em seus próprios problemas reais, traduzidos nas letras sublimes dos Racionais MC's, Criolo, Sabotage, entre tantos outros artistas das quebradas paulistanas.

Por isso, entendo que as manifestações artísticas e culturais do espaço urbano paulistano, especialmente aquelas que emergem da periferia, são formas potentes de lutas insurgentes. Pois, no contexto do território da cidade, não se trata apenas de uma oposição entre o centro e a margem, mas de disputas política, cultural e estética, que se traduzem de maneira mais ampla na existência de pluralidades. Os saraus de poesia, as rodas de samba, os grupos de teatro, como o Dolores Boca Aberta, são expressões contra-hegemônicas que, como já dito, desafiam a lógica de produção urbana. Basta pensarmos, por exemplo, no terreno ao lado do Teatro Oficina, que agora é futuro parque. O que seria dele sem a luta incansável de Zé Celso contra os

interesses de Silvio Santos, que desejava ali um prédio espelhado? Além disso, as obras do Oficina são vestígios do sublime, e não à toa, o teatro foi projetado por Lina Bo Bardi. Inevitavelmente, essas práticas não reproduzem apenas arte, elas reconstróem formas de vida, modos de ocupar o espaço e formas de compartilhar o tempo na cidade.

As atividades citadas anteriormente, como os saraus, os pixos, os *slams*, os teatros de rua, todas essas práticas desestabilizam a ordem sensível dominante ao anunciarem outras formas de convivência. E quando uma destas práticas está em evidência, o ataque, muitas vezes institucional, vem. E chega a ser irônico, pois, a mesma prefeitura que permitiu um evento de Michelle Bolsonaro, em 2024, não permitiu a realização de uma feira literária de editoras independentes, a Flipei, alegando cunho político-ideológico.

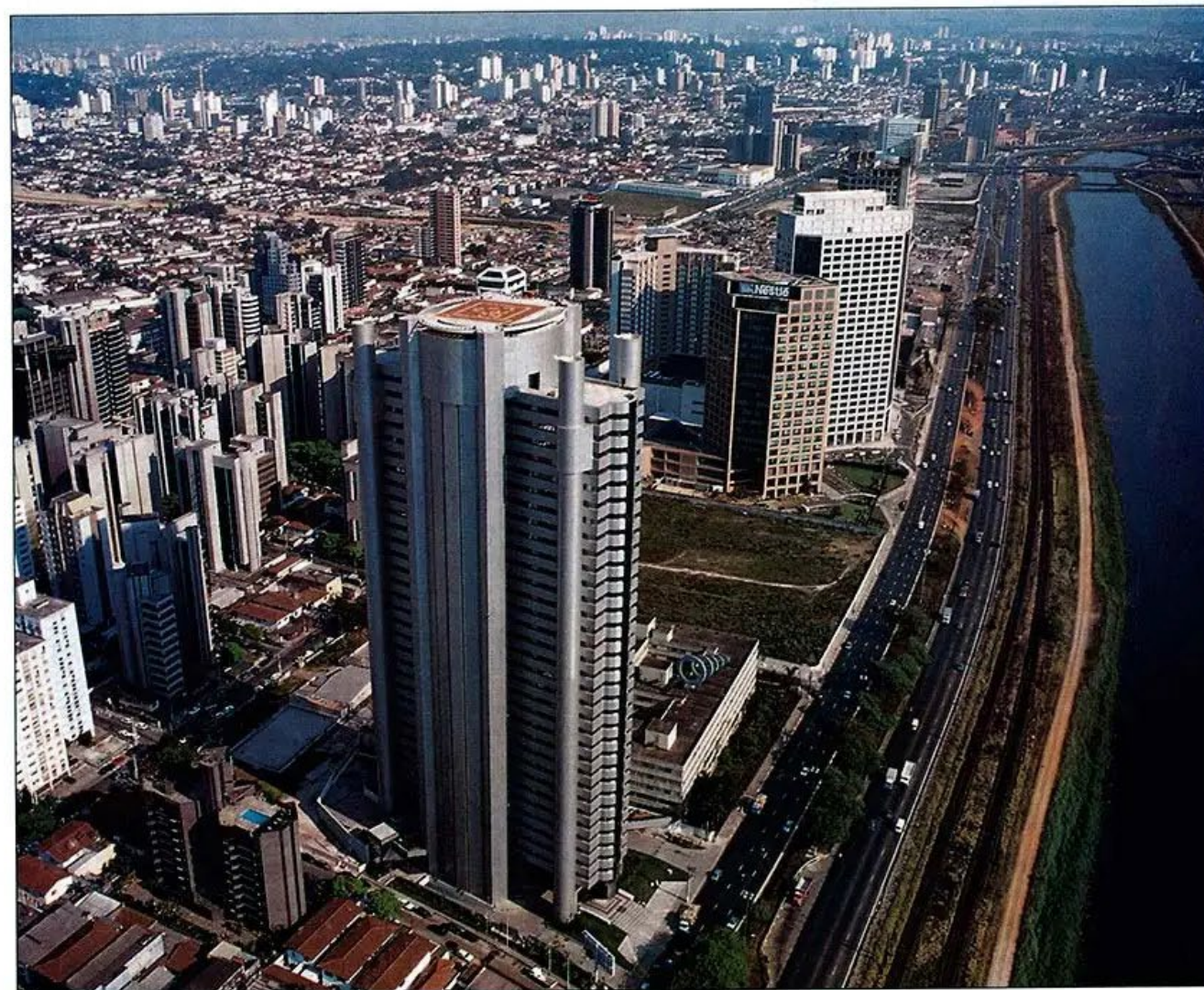
A estética, portanto, não é apenas uma representação da política, mas parte constitutiva dela, ao expressar e reproduzir a ordem dominante. E mais, essa disputa é tanto material quanto epistêmica, pois o imaginário da cidade é constantemente reconfigurado por aqueles que, historicamente, não foram autorizados a narrá-la: os sujeitos periféricos. Afinal, a cidade é também uma construção colonial, patriarcal e racializada, como aponta Angela Davis (2018), ao refletir sobre a obsolescência das tarefas domésticas e a invisibilidade do trabalho das mulheres negras.

Nessa perspectiva, na vida urbana, a cooperação, em tempos em que a cidade é tratada como mercadoria e recurso a ser explorado, recupera o comum e afirma que outros futuros são possíveis. Assim, o comum coletivo se constrói nas frestas, nas rupturas do tempo histórico, nas cenas de valor que escapam à lógica linear do progresso. Ao considerar esses fatos, a insurgência urbana, nesse horizonte, não é apenas uma resposta às injustiças. É uma forma de lutar pelo direito de ocupar a cidade, de disputá-la e permanecer nesta.

# Sveja São Paulo

SETEMBRO 1995

S	T	Q	Q	S	S	D
11	12	13	14	15	16	17



## NASCE OUTRA CIDADE

*Prédios arrojados e uma atração atrás da outra fazem explodir a região da Marginal Pinheiros e Berrini*

9

NOTA CULTURAL

FOLHA DE S. PAULO

# imóveis

Domingo, 27 de agosto de 1995

## Remoção de favela supervaloriza Berrini

Empresas querem gastar R\$ 8 milhões para tirar favelados da região, que pode se tornar a mais cara de SP

ATÉ O FINAL DE 1995 SERÃO ENTREGUES

109 mil

Ed. Pinheiros, Ed. Berrini, Ed. Jafet e Ed. Tipótipo

INDIFOLHA

PREÇO DE VENDA SUBIU MAIS NA BERRINI

Em %, no mês de julho

6,46

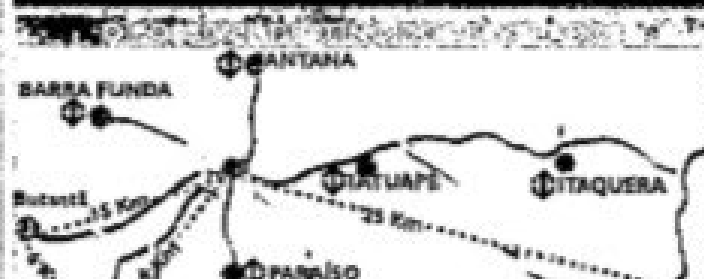
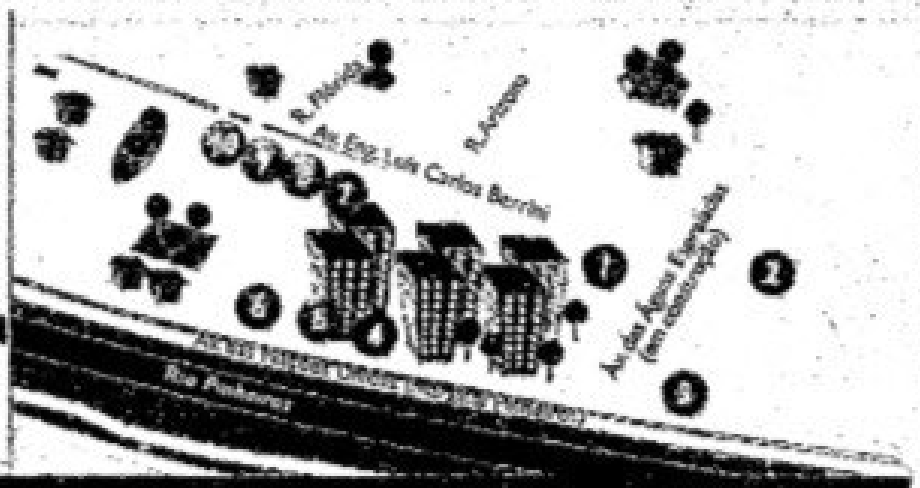
Berrini/marg. Pinheiros

3,48

lândia

### ONDE FICA A FAVELA DO JARDIM EDITH

- 1 Favela do Jardim Edith
- 2 Morumbi Plaza
- 3 Bradesco/Sulimob
- 4 Centro Empresarial Nações Unidas
- 5 World Trade Center de São Paulo
- 6 Ed. Pinheiros
- 7 Berrini Trade Center
- 8 Ed. Jafet e Ed. Tipótipo
- 9 Ed. Paineiras e Ed. Flórida
- 10 Ed. Urcia



LIMA DAS REGIÕES COMERCIAIS MAIS VALORIZADAS DE SÃO PAULO

	VENDA
	Por m <sup>2</sup> , em R\$
Av. Paulista	11.445
Av. Eng. Luís Carlos Berrini	11.319
Jardim	11.207
Av. Brás Faria Lima	11.125

RODRIGO AMARAL  
Do Reportagem Local

A remoção da favela do Jardim Edith pode transformar as avenidas das Nações Unidas e Engenheiro Luís Carlos Berrini, no Brooklin (zona sul), na região comercial mais valorizada da cidade.

Um grupo de empresas quer aproveitar o desalojamento de parte da favela originada pelas obras da avenida das Águas Esquadas, construída pela Prefeitura de São Paulo, para mudar os moradores para um outro ponto da cidade.

Um dos lugares cogitados é o Conjunto Habitacional do Barro Branco, no extremo leste da cidade, a ser construído pelas empresas em um terreno da prefeitura.

Os cerca de 3.000 moradores não aceitam o local por considerá-lo distante do centro (25 km). Como alternativa, encontraram um terreno de 41 mil m<sup>2</sup> no Jardim Educandário, na zona oeste. As empresas estudam sua compra.

Nesse caso, seriam menos dinheiro para construir as casas. Se-

dos. A OAS nega fazer parte.

As empresas reuniram-se sob o nome de "Associação de Promoção Habitacional e Social". O telefone da associação não consta do serviço de informações da Telesp.

O interesse das empresas tem explicação. Para Waldomiro Busab Filho, diretor da Bolsa de Escritórios de São Paulo, que não faz parte do grupo, a remoção da favela significará uma valorização de 20% a 30% dos imóveis da região.

Isso seria suficiente para transformá-la na área comercial mais cara da cidade. Segundo o Datafolha, o preço médio de venda do m<sup>2</sup> de escritórios na Berrini e na marginal Pinheiros, hoje, só é inferior ao registrado na avenida Paulista (R\$ 1.319 contra R\$ 1.445).

A região ainda tem a vantagem de possuir muitos terrenos vazios, ao contrário da avenida Paulista.

"A saída da favela vai melhorar a ocupação da região", diz Luís Gonzaga Soares Mayor, diretor da Richard Ellis, consultoria especializada em imóveis comerciais.



## Grupo invade prédio da Bienal e picha 'andar vazio'

Houve confronto com seguranças e uma vidraça acabou quebrada; garota de 23 anos foi detida pela Polícia Militar e levada para DP

ADRIANO CHOQUE  
REPÓRTER-FOTOGRAFICO

Cerca de 50 pichadores invadiram o pavilhão da Bienal, no parque Ibirapuera (zona sul), na noite de ontem, primeiro dia de visitação da 28ª Bienal de São Paulo. O grupo pichou paredes e vidros e trocou socos e pontapés com seguranças. O prédio, projetado por Oscar Niemeyer, é tombado pelo patrimônio histórico.

O ataque ocorreu no segundo andar do pavilhão, mantido vazio pela organização e que rendeu a esta edição o apelido de Bienal do Vazio. Alguns visitantes aplaudiram a pichação.

Uma pichadora de 23 anos, identificada como Carol, foi detida por policiais militares e levada para o 36º DP (Vila Mariana). Até a conclusão desta edição, o delegado Luiz Roberto Pereira de Arruda ainda analisava por qual crime iria indicá-la e também se ela ficaria presa ou seria liberada. Carol pertence ao grupo de pichadores Sus-tos, da zona sul de São Paulo. Vários dos pichadores que



Seguranças da Bienal tentam deter jovem que participou de pichação no 'andar vazio' do evento

agiram ontem também estiveram nos ataques ao Centro Universitário Belas Artes, em julho, e à galeria Choque Cultural, no mês passado. A moça detida participou das duas mani-

festações anteriores com Rafael Guedes Augustaitiz, que era aluno da Belas Artes e está na organização dos ataques.

Na Bienal, seguranças e pichadores trocaram socos e

pontapés. A segurança fechou as portas do prédio até que a polícia chegasse. Uma vidraça acabou quebrada.

A ação havia sido agendada por grupos de pichação havia

vários dias. Os organizadores da ação distribuíram convites e fizeram divulgação pela internet convocando os grupos para uma concentração antes do ataque. "Espancaremos na tinta a Bienal de arte, esse ano conhecida como Bienal do Vazio", dizia o texto no convite.

À espera do ataque, os organizadores da 28ª Bienal haviam reforçado o esquema de segurança para o prédio e, por isso, o segundo andar estava fechado. Às 19h30, quando começou a invasão, algumas pessoas esperavam pelo início de um show de música eletrônica.

Para evitar suspeitas de que iriam pichar a Bienal, segundo Kripta, 24, um dos organizadores do ataque, os pichadores se reuniram em frente ao prédio do Detran, na avenida 23 de Maio, e foram ao local da ação divididos em grupo de dez.

Toda a ação foi registrada em vídeo por alguns dos próprios pichadores. Eles pretendem pôr o vídeo do ataque à Bienal à venda.

Ação havia sido agendada por grupos de pichação havia

RIO DE JANEIRO  
Acidente entre carro e ônibus mata 4 e fere 3

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Quatro pessoas morreram e 33 ficaram feridas em um acidente entre um carro e um ônibus em uma avenida da zona oeste do Rio de Janeiro.

Os quatro mortos, nomes não foram divulgados pela polícia, estavam no carro — que tinha ocupantes. Os feridos correm risco de morte.

Segundo o Corpo de Bombeiros, o acidente foi causado por uma tentativa de ultrapassagem do carro.

Ele bateu de frente com o ônibus, que capotou. Os feridos foram encaminhados para os hospitais Pedro 2º, em São Cruz, e Rocha Faria, em Campo Grande. No Hospital Pedro 2º, um permanente internado com suspeita de morte na bacia. No Hospital Faria, dois estavam internados: um com trauma no crânio leve e outro com uma fratura.

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO      SEGUNDA-FEIRA, 7 DE MAIO DE 2007      EDIÇÃO SÃO PAULO, CONCLUÍDA ÀS 11H12      R\$ 2,50

ANO 87      Nº 28.521

**Ilustrada**  
**Virada tem público recorde e depredação**

Um confronto entre a PM e fãs do grupo Racionais MCs marcou a terceira edição da Virada Cultural, em São Paulo, deixando feridos leves e um saldo de saques e depredações de lojas, bancas e veículos no centro da cidade. Segundo a prefeitura, 3,5 milhões de pessoas, recorde do evento, passaram pelas 350 atrações. Pág. E1



gadores: estabeleceram o prêmio pela conquista do título paulista, ou seja, 200 mil cruzeiros e mais 10 por cento da renda bruta nos jogos decisivos.

"O prêmio agradou os jogadores e tenho certeza de que haverá muita motivação na difícil luta pelo título" — afirmou Rubens Marino, vice-presidente de esportes.

O técnico Pepe, por sua vez, somente hoje, depois do coletivo, definirá o centroavante para a partida de domingo. Apesar de a equipe estar apenas treinando nos últimos vinte dias, Pepe não se decidiu entre Aluisio, Campos e Claudinho.

"Está difícil porque não houve uma boa presença de nenhum deles nos treinos. O Aluisio, por exemplo, esteve bem no amistoso contra o União, marcando inclusive dois gols. O Campos, embora não esteja atravessando boa fase, mostrou uma melhora na terça-feira. Quanto ao Claudinho, continua com muita garra e é um especialista em decisões, como ficou provado contra o próprio São Paulo, em 78" — justificou Pepe.

O técnico pensava em escolher o centroavante titular num jogo treino contra o Aliança, hoje na Vila Beirão, mas decidiu cancelá-lo, programando apenas um coletivo, porque os adversários que o Santos enfrentou nesta fase de preparação acabaram levando o treino a sério.

"Com o campo do jeito que está e com essa disposição dos adversários, achei melhor cancelar o jogo-treino para evitar possíveis aborrecimentos, prejudicando o nosso esquema de trabalho" — disse o treinador.

E no esquema de trabalho de Pepe está Ruben Feijão. Mas até agora o jogador não renovou contrato, pois continua exigindo 650 mil cruzeiros de luvas e 80 mil de salários, enquanto a diretoria insiste nos 100 mil mensais, por um contrato de 15 meses. Hoje, Feijão terá nova reunião com os dirigentes, quando espera chegar a um acordo. "Já que não pretendo deixar o Santos, espero um pouco mais de compreensão da diretoria".

## Palmeiras vai tentar tudo

"O Palmeiras vai tentar de tudo para disputar a Taça de Ouro de 81". As palavras do presidente Bricio Pompeu de Toledo soam até como uma ameaça. Ontem no Rio, ele e mais os dirigentes do Guarani, América e Coritiba resolveram recorrer às instâncias superiores do futebol brasileiro na tentativa de ampliar o número de participantes da competição de 40 para 44. Não foi decidido ainda como será encaminhado o recurso, mas o advogado Valed Perry, encarregado do caso, explicou que dará entrada mais rápido possível no recurso que for considerado o mais conveniente, podendo ser até a CBF, mas de preferência num organismo superior. Segundo Valed Perry, a justificativa do recurso será baseada "na falta de critérios da CBF para escolha dos clubes participantes da Taça, que só recentemente foram divulgados".

O advogado procurará explorar ainda o argumento de que América, Coritiba, Guarani e Palmeiras são quatro clubes tradicionais do futebol brasileiro e que, portanto, não podem ser excluídos da mais importante competição do País. Além disso, os dirigentes do Palmeiras

*Saltei do automóvel do meu amigo. Já as casas que ficam bem, e até elhoram, nos fins de tarde. O crepúsculo baixava em quedas de silêncio e z. O que eu não sabia, nem podia imaginar, é que seria convidado para a festa em tal palácio. Era em homenagem a um empresário paulista.*

3

*Um dia, encontrei-me com um deles fui vítima de sua força. Hoje, se me perguntarem qual é a pior forma de lidão, virei à boca de cena declarar o seguinte: — a pior forma de lidão é a companhia do empresário paulista.*

4

*Eu disse isso, naquela noite, e alguém perguntou: "Você gosta de fazer iradoso?" Fui modesto: — "De vez em quando." Quando entrei e olhei o jardim, Burle Marx deixou de ser apenas um nome e tornou-se uma presença difusa, volatizada, atmosférica. Por sua vez a estátua da mulher estava cada vez mais nua.*

5

*Estavam, ali, uns cem casais. A dona da casa passava. O mais que ela era passar. E não concedia a nós, simples mortais, a graça de um "olá", um "oi". Eu disse que só passava, mas preciso fazer uma ressalva. Houve um momento em que parou para falar comigo: — "Foi você que disse aquilo?" Tenho escrito tanto, que não soube o que era aquilo: — "Você me disse que só sabia de amor, aquele dia quis morrer com o ser amado e, de preferência, que morreu com o ser amado?" — ela raihou comigo: — "Você não se espanta com a morbidez?"*

6

*Como ela insistia, declarei: — "Sou órfido, e o confesso. Teria vergonha de mim mesmo se tivesse uma saúde de vaca preta." Creio que me safei bem. A minha adversária chamou nas dez mulheres. Foi perguntando:*



O teatro precisa de 9 milhões para não desaparecer.

## Sílvio Santos pode acabar com o Oficina

ANTONIO GONÇALVES FILHO

O Teatro Oficina corre o risco de desaparecer definitivamente do cenário brasileiro. Não se trata de sutileza eufemística, mas de uma situação concreta que pode pôr fim à história de um dos mais importantes grupos teatrais surgidos no País, responsável por montagens que ajudaram a revolucionar a linguagem teatral brasileira. Isso numa época em que o Oficina — em seu "5.º (e talvez último) tempo" — pretende reemergir com a montagem de "O Homem e o Cavalo", de Oswald de Andrade, e o lançamento do filme "O Rei da Vela".

No último dia 6, José Celso Martinez Correa, um dos idealizadores do teatro e seu diretor até hoje, recebeu um comunicado dos proprietários do prédio, informando da proposta de uma das empresas do Grupo Sílvio Santos para a aquisição do terreno do Teatro Oficina, por pouco mais de Cr\$ 9 milhões — mais um golpe na já debilitada estrutura financeira do grupo, que agora terá só 30 dias para se pronunciar a respeito, já que, por lei, o locatário do imóvel (o Oficina está ali há quase 20 anos) tem preferência na transação.



Zé Celso no limbo de seu espaço.

dominância do teatro, transformando-o no sonho alimentado por José Celso e outros integrantes do grupo já há alguns anos: o de alterar a concepção arquitetônica de "teatro", como é convencionalmente conhecido, começando por ocupar (ainda não se sabe como) a área contígua ao prédio da rua Jacegual, pertencente ao Grupo Sílvio Santos, para permitir a livre passagem de pessoas. Ela seria feita através de um corredor



A histórica Bolonha num projeto para uma cidade mais saudável,



Pier Luigi Cervellati faz hoje sua

## Proposta para uma nova

DENISE NATALE

As selvas de arranha-céus estão com seus dias contados. Quem diz isso é o arquiteto italiano Pier Luigi Cervellati, autor e coordenador do mais abrangente projeto de restauração já realizado na Europa, o do Centro Histórico de Bolonha, ainda em execução, cujo objetivo é melhorar a qualidade de vida da população local. Ele está no Brasil esta semana, a convite do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado, do Condephaat, e do Instituto dos Arquitetos do Brasil, para uma série de conferências, iniciadas na segunda-feira e que terminam hoje, às 20 horas, com o tema "Do Centro Histórico ao Estudo Regional", no Museu de Arte Contemporânea, no Ibirapuera.

Cervellati teve maiores informações sobre o patrimônio histórico brasileiro, especialmente das cidades de Salvador, Ouro Preto e Petrópolis, num seminário realizado recentemente no Canadá, onde foi convidado a vir ao Brasil, para explicar seu plano de Bolonha, a participação comunitária e as condições operacionais de sua implantação. Em São

Paulo, confessou-se assombrado com a cidade, que ele conhecia de fotografias "e que me davam a impressão de ser um lugar pequeno. Bem diferente do que estou vendo aqui".

Bolonha, a cidade onde ele está implantando seu projeto de Centro Histórico, é uma cidade singular na Itália. Reduto do Partido Comunista Italiano desde a Segunda Guerra, a cidade vem elegendo seus prefeitos sempre por esse partido, até hoje. Do centro cultural e agrícola, transformou-se numa cidade de economia baseada na pequena e média indústria e a administração, com seus conselhos de bairro, tem grande participação popular. Mas Cervellati prefere não responder com uma afirmativa se a administração comunista teve influência na opção da cidade pela recuperação.

— O certo é que nenhuma cidade italiana conseguiu os resultados de Bolonha. Ela renunciou ao desejo de ser uma grande cidade, para oferecer uma vida de qualidade.

O Centro Histórico de Bolonha foi escolhido para recuperação em 1963. Seguiu-se um plano de conservação, intervenção até as primeiras

obras, iniciadas em 1973, abrangendo o aspecto das casas — adquiridas pela administração e particulares, respeitando seu habitante e o trabalho de serviço social e cultural. Esse trabalho continua sendo feito até hoje, e em 1982 a primeira fase do projeto deverá estar concluída. Segundo Cervellati, ainda há muito para se fazer. "O projeto não se restringe apenas ao centro, mas se espalha também pela periferia."

Ele não afirma, entretanto, que a solução de Bolonha é a ideal para todas as grandes cidades. "Quando cito o caso de Bolonha, espero que ele sirva como uma reflexão para o futuro das grandes cidades. Ao invés de se falar em expansão, acho mais importante que as pessoas comecem a pensar em recuperação do que já existe."

O arquiteto italiano afirma que as selvas de arranha-céus já não conseguem mais resolver seus problemas, que vão da coleta de lixo e transporte, até o fornecimento de luz, água ou gás. "A medida que crescem, elas não conseguem resolver os problemas econômicos que vão aumentando e, toda vez que as áreas metropolitanas crescem, sacrificam as periferias — é o colonialismo

## A gente descobre a agilidade do cavalo preto em qualquer lugar do



## CRÉDITOS IMAGENS

FIG.1: Manchete da "Revista Veja" sobre uma "nova" cidade em 1995. Fonte: Acervo Digital da "Veja". Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/capas-de-veja-sao-paulo-1995/>

FIG.2: Notícia sobre a remoção de favelas na região da Berrini. Folha de S.Paulo, ago. 1995. Fonte: Acervo Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=12893&anchor=475504&pd=8of2e135f2ca4be001b5f9400c91570>

FIG.3: Marcha estudantil de estudantes da USP. Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIG.4: Manchete sobre o concerto dos Racionais MC's na Virada Cultural. Folha de S.Paulo, maio 2007. Fonte: Acervo Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=17164&anchor=5228184&pd=1cdced530149cceb934283824e726aaf>

FIG.5: Notícia sobre a "invasão" de grupo pichador na Bienal. Folha de S.Paulo, out. 2008. Fonte: Acervo Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=17703&anchor=5323684&pd=e083795dd004odbo43c65bc97603d1fd>

FIG.6: Escola de Samba Vai-Vai na FAU-USP. Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIG.7: Notícia sobre a disputa de Sílvio e Zé Celso. Folha de S.Paulo, nov. 1980. Fonte: Acervo Folha. <https://acervo.folha.uol.com.br/digital/compartilhar.do?numero=7494&anchor=4271684&pd=9cb69507c7253d0e4314c42f98d5f1a5>

FIG.8: Teatro Oficina. Fonte: Acervo pessoal do autor.

## REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos**: neoliberalism's stealth revolution. Cambridge, MA: MIT Press, 2015.

COLOSSO, Paolo. **Disputas pelo direito à cidade**: outros personagens em cena. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

D'ANDREA, Tiarajú. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DAVIS, Angela. A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora. **Praxis Magazine**, 20 nov. 2018. Disponível em: <https://praxisonlineblog.wordpress.com/2018/11/20/a-obsolescencia-das-tarefas-domesticas-se-aproxima-uma-perspectiva-da-classe-trabalhadora-angela-davis/>. Acesso em:

FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão**: duas histórias de construção de uma "nova cidade" em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada. São Paulo: Boitempo, 2001.

HARKOT, Marina. **A bicicleta e as mulheres: mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

## SOBRE O AUTOR

Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design (FAU-USP). Este ensaio foi desenvolvido a partir de uma pesquisa experimental no primeiro semestre do ano de 2025, orientada pelo professor Prof. Dr. Jean François Germain Tible (FFLCH-USP).

dccolque@usp.br

## ARTIGO

# A imagem da favela na revista "O Cruzeiro": fotojornalismo entre 1930 e 1970

Gabriel Ferreira Licastro

Orientação: Prof. Dra. Ana Claudia Veiga de Castro (FAU-USP)

Pesquisa: Iniciação Científica, processo Fapesp 2021/04175-6, FAU-USP, 2021-2022.

Este artigo busca investigar as representações da favela na revista O Cruzeiro, através das fotorreportagens, colunas e editoriais publicados nesta que foi considerada a maior da América Latina no século XX — durante as décadas de 1940, 1950 e 1960. Ao fazer tal percurso analítico, este trabalho tem como objetivo

contribuir para o entendimento de como a mídia de massa, especialmente com a utilização do fotojornalismo narrativo, cria e propaga determinada "imagem de cidade" e, especificamente, como as favelas eram tratadas, ou seja, em que nível elas estavam inseridas ou excluídas da interpretação coletiva da paisagem urbana brasileira.

**Palavras-chave:** história urbana; favelas; revistas.

## The image of the *favela* in "O Cruzeiro" magazine: photojournalism between the 1930s and the 1970s

This article seeks to investigate the representations of the *favela* in the magazine O *Cruzeiro*, through the photo reports, columns, and editorials published in what was considered the largest magazine in Latin America in the 20th century—during the 1940s, 1950s, and 1960s. By undertaking this analytical path, this work aims to contribute to the understanding of how mass media, especially through the use of narrative photojournalism, creates and propagates certain "city images." More specifically, it examines how *favelas* were treated, that is, to what extent they were included in or excluded from the collective interpretation of the Brazilian urban landscape.

**Keywords:** urban history; *favela*; magazines.

## La imagen de la *favela* en la revista "O Cruzeiro": fotoperiodismo entre los 1930s y los 1970s

Este artículo busca investigar las representaciones de la *favela* en los años 1940, 1950 y 1960 a través de reportajes en fotos, columnas y editoriales publicado en la revista O *Cruzeiro*, considerada la mayor de Latinoamérica en el siglo XX. Haciendo tal recorrido analítico, este trabajo tiene como objetivo contribuir para el entendimiento de cómo los medios de comunicación de masa, en especial con la utilización del fotoperiodismo narrativo, crea y propaga una determinada "imagen de ciudad" y, específicamente, cómo fueron tratadas las "favelas", es decir, en qué nivel fueron incluidas o excluidas de la interpretación colectiva del paisaje urbano brasileño.

**Palabras clave:** historia urbana; *favelas*; revistas.